

dois anos, para coroar essa gestão. Demos um salto qualitativo muito grande, não só no aspecto da formação dos estudantes na área educacional, mas também de uma formação cidadã”, orgulha-se. Em 2015, ela recebeu o prêmio Boas Práticas de Gestão.

Entre as práticas inovadoras que alçaram a escola ao grau de excelência, estavam as práticas integrativas, além de atividades no contraturno, como capoeira, futsal, karatê, balé e inglês. As histórias sobre a escola circulavam pela secretaria e havia professor que chegava com receio da carga de trabalho. Jana não desmentia, mas deixava o incentivo: “Se você quiser fazer parte de uma história de sucesso, o caminho é esse: é a formação, é muito trabalho, é projeto, e focar no estudante não só como uma matrícula, mas como ser individual”.

Jana fazia questão de preencher, um a um, os mais de 500 relatórios de desempenho após os conselhos de classe. Dessa forma, mantinha-se atualizada sobre a situação de todos e também acompanhava a performance dos professores. Um dos episódios marcantes foi quando um pai, que morava nos Estados Unidos, entrou em contato com a escola para saber detalhes sobre a trajetória escolar da filha, pois não entendia o motivo de a mãe insistir em manter a menina em escola pública.

“Eu me apresentei, disse que era diretora e confirmei (na secretaria) que ele era realmente pai da criança, e informei como estava o desenvolvimento da filha dele. Ele ficou surpreso e falou: ‘Olha, professora, nem aqui nos Estados Unidos, se eu ligar para uma escola, uma diretora vai saber falar da minha filha tão bem quanto você está falando dela’. Isso foi muito gratificante, porque mostrou que a gente estava no caminho certo.”

Ressignificação

Em 2019, foi a hora de Jana ser convidada para compor a gestão central da Secretaria de Educação, como secretária-executiva pedagógica do então chefe da pasta, Rafael Parente. Passou ainda pela Regional de Taguatinga, como assessora pedagógica, e pelo gabinete do distrital

Fotos: Arquivo pessoal



Com a primeira equipe gestora: Nair e Dídia



Com os filhos, João Vítor e Sophia, o sobrinho Caio e a irmã Jessica

Professor Israel Batista (PSB), onde atuou como assessora parlamentar de Educação. Foi Conselheira do Conselho dos Direitos da Mulher, membro do Fórum de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil e de Proteção ao Trabalhador Adolescente, e integrou o Observatório da Educação Básica da UnB. Ela descreve a nova fase como um período de desafios, em que o trabalho, antes restrito a um grupo pequeno de estudantes, ganhou escala.

“Tentei levar um pouco dessa minha experiência de professora, de chão da escola, para a gestão central”, observa, completando que promovia caravanas, uma vez por semana, até as escolas da rede para entender a realidade de cada uma e os problemas que precisavam ser enfrentados: de cadeira quebrada a refeitório inadequado, nada passava despercebido. “Tudo o que o aluno de uma escola pública quer é dignidade, respeito”, reforça Jana. “Sempre me preocupei muito em passar a ideia de que a escola precisa ser um ambiente acolhedor, chegar e abraçar o estudante.”

E é por isso que ela lutou durante toda a carreira na educação. A própria trajetória escolar foi atingida pelo racismo e as marcas das ofensas e da violência que sofreu seguem com ela até hoje. “Embora a escola fosse esse lugar tão maravilhoso para mim, no 2º ano (do ensino fundamental) eu sofri racismo, sem saber que era racismo”, afirma Jana. “A professora não deixava os estudantes se sentarem ao meu lado, falava que eu fedía a macaco. Uma vez, eu fiz xixi na sala de aula porque ela não me deixou ir ao banheiro. Ela e os alunos zombaram de mim. Até hoje, eu me lembro o nome e o rosto dela, porque o racismo não passa. A gente vai morrer com as sequelas.”

De uma criança que aos 4 anos adorava a escola, Jana se transformou em uma aluna de 8 anos que chorava todos os dias para não precisar ir à aula. Uma tia conta que ela se agarrava às grades das casas pelo caminho. “Eu ficava pensando e falava: ‘Gente, mas o que será que eu fiz para ela não gostar de mim?’”

As feridas cicatrizaram e, assim que teve a oportunidade, pavimentou o caminho para

que milhares de estudantes não sofressem o mesmo — de forma indireta, com as formações, palestras e debates; e também forma direta, defendendo-os de qualquer forma de discriminação dentro da escola.

O momento de lavar a alma, como ela define, foi a construção do projeto de educação antirracista Taguatinga Plural, quando trabalhou naquela regional de ensino. “Quando decidi que queria ser professora, o meu primeiro ponto era não ser uma professora como aquela e não permitir que ninguém ao meu redor fosse essa pessoa racista”, conta Jana.

No âmbito do projeto, foram traçadas uma série de atividades para aumentar o repertório de professores e de estudantes sobre cultura africana. “Quando começamos a colher os frutos desse trabalho eu me senti de alma lavada, pois já cheguei a conversar com alguns estudantes negros que se sentiam como eu: ao chegar à escola, a vontade era de cavar um buraco e entrar, para ficar invisível. Isso não é justo com nenhum ser humano,

independentemente da cor da pele. Estamos na escola para sermos vistos, para vivermos, para nos formarmos. Querer ser invisível na escola é uma dor.”

O combate ao racismo era o principal objetivo, mas trouxe junto outros benefícios: redução da evasão escolar, alfabetização mais eficaz e combate a outros preconceitos, como gordofobia, lgbtfobia e preconceito econômico.

Luta por direitos

Em paralelo, Jana sempre participou das reivindicações da categoria por melhorias nas condições de trabalho. Seja na luta pela jornada ampliada, sejam reajustes salariais e direito a licenças para capacitação, seja na pressão pela regularização dos pagamento de verbas do Programa de Descentralização Administrativa e Financeira (Pdaf). “Se os professores hoje têm uma situação um pouco melhor, é porque lá atrás e antes de mim já tiveram professores que lutaram e que deram o sangue para a gente chegar à posição em que estamos hoje.”

O encerramento da carreira na Secretaria de Educação veio de forma abrupta. Em setembro do ano passado, Jana foi aposentada por invalidez, após o diagnóstico de esclerose múltipla. A frustração por ter encerrado a passagem pelo funcionalismo público demorou a ser superada. “Passei um ano sabático, bem fechada e reclusa, para cuidar da saúde. Há cerca de um mês, recebi o laudo de visão monocular — perdi a visão do olho direito. Isso prova, mais do que nunca, que eu precisava mesmo me aposentar. Mas acredito que um professor, mesmo aposentado, não deixa de ser professor”, atesta.

Com firmeza e determinação expressos no olhar e na fala apaixonada, Jana reforça seu compromisso com a educação e convoca todos a assumirem esse lugar de protagonismo com o bem social mais precioso que há. “Eu digo que eu nasci professora e vou morrer professora porque a educação não acontece só dentro da escola. Acontece em todos os processos da vida. Mesmo não sendo professores, que as pessoas se coloquem neste lugar. Precisamos contar com todos os recursos possíveis para fazer a educação acontecer.”



Jana perdeu a visão do olho direito devido à esclerose múltipla